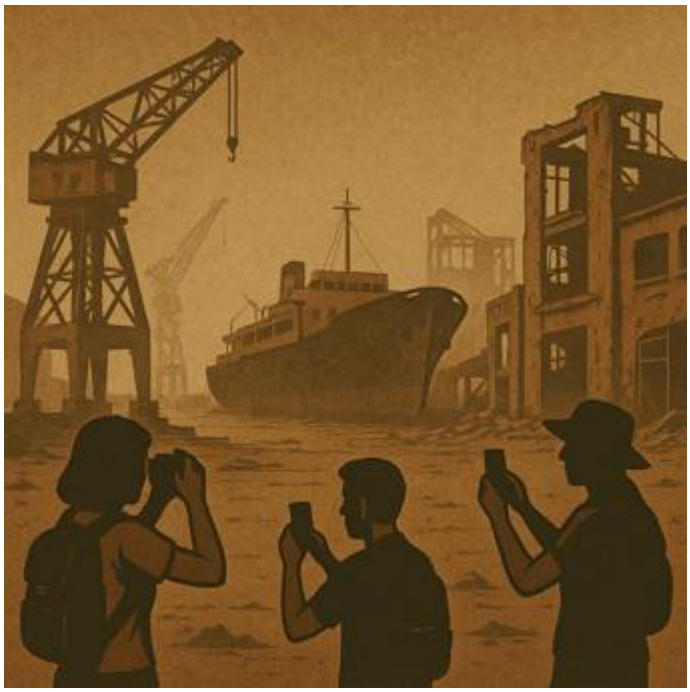
De Nação Industrial a País de Serviços: A Grande Demolição de Portugal

Publicado em 2025-05-12 08:16:53



Os factos que ninguém quer ouvir. A verdade em Portugal é sempre mal vista e os políticos preferem sempre narrativas de embalar.

Portugal, antes do 25 de Abril de 1974, era um país com profundas limitações democráticas, censura e repressão. Mas no plano económico-industrial, **estava a consolidar uma base produtiva estratégica** que lhe conferia autonomia e projeção internacional em setores-chave. Com uma população ainda empobrecida, o país construía, mesmo sob ditadura, **uma infraestrutura industrial que rivalizava com outras nações europeias em crescimento.**

Um panorama industrial promissor

Lisnave e Setenave, os estaleiros navais portugueses, figuravam entre os maiores da Europa, especializados na construção e reparação de grandes embarcações. Empregavam milhares de trabalhadores altamente qualificados e tinham contratos internacionais em carteira.

A **Sorefame**, fundada em 1943, era uma referência em fabrico de material ferroviário: carruagens, locomotivas elétricas, e componentes

exportados para mercados como França, Moçambique, Brasil e Argentina.

A **Siderurgia Nacional**, no Seixal, produzia aço e derivados, e representava o esforço de industrialização pesada do país. Era um símbolo de autonomia energética e estrutural, crucial para a construção civil, infraestruturas e defesa.

O país contava ainda com os **Caminhos de Ferro do Estado**, modernizados para a época, com linhas eletrificadas e comboios eficientes. Existiam fábricas de montagem e produção de viaturas pesadas (como a **Berliet**), bem como unidades da **Renault**, da **Volkswagen** e da **Citroën** a operar em território nacional.

O projeto do **Porto de Sines** estava em marcha — uma infraestrutura estratégica para se tornar o maior porto de águas profundas do Atlântico Sul europeu, essencial para a logística global.

A Revolução e o caos da transição

Com o 25 de Abril vieram conquistas sociais, liberdade, eleições livres — e, com elas, **uma transição económica desastrosa.** Greves constantes, ocupações forçadas, manifestações caóticas, nacionalizações ideológicas sem critério económico e **afastamento de quadros técnicos e administrativos por motivos políticos** fragilizaram a espinha dorsal da indústria nacional.

As empresas foram nacionalizadas **sem planos de gestão eficazes**, os investimentos externos desapareceram e o capital nacional foi expulso ou colocado sob suspeita. O PREC — Processo Revolucionário em Curso — destruiu as condições de estabilidade necessárias ao funcionamento de unidades industriais complexas.

A década de 80 e o desmantelamento

Com a entrada na CEE, o que restava da indústria portuguesa foi alvo de reestruturações forçadas e, muitas vezes, **impostas por diretivas europeias que favoreceram os grandes produtores do Norte da Europa**. As cotas agrícolas, as limitações à produção automóvel e a imposição de normas de concorrência destruíram o que restava da indústria pesada.

A **Sorefame foi encerrada em 2004**, a **Siderurgia foi privatizada e desmantelada**, a **Lisnave passou de potência mundial a fantasma industrial**, e **os Estaleiros de Viana do Castelo acabaram alvo de privatizações polémicas.**

E o que ficou?

Hoje, Portugal sobrevive de:

- **Fundos europeus**, que tapam buracos em vez de financiar soberania produtiva.

- **Turismo**, que traz receita mas também dependência e precariedade.
- **Serviços**, muitos deles mal pagos, frágeis e com pouco valor acrescentado.

O país perdeu capacidade de produzir, exportar, inovar. Tornou-se **um "resort da Europa"**, onde se come bem, vive-se devagar, e os jovens emigram para procurar o que aqui foi desmantelado.

As consequências da desindustrialização

- **Perda de soberania económica**: dependência de importações em praticamente todos os setores estratégicos.
- **Fuga de cérebros e jovens qualificados**: sem indústrias que absorvam talento, a juventude emigra.
- **Desvalorização do trabalho técnico e industrial**: profissões cruciais deixaram de ter prestígio ou apoio.
- **Precarização estrutural**: o emprego no setor dos serviços, altamente concentrado no turismo, é sazonal, mal pago e sem progressão.
- **Vulnerabilidade externa**: Portugal tornou-se refém de ciclos económicos alheios — e quando a Europa estremece, Portugal afunda.

Conclusão

O 25 de Abril trouxe liberdade política, mas **a democracia portuguesa falhou rotundamente na defesa da soberania económica.** De uma nação com estaleiros, comboios, aço, energia e fábricas, tornámo-nos um entreposto turístico e um receptor de fundos alheios.

É tempo de fazer um balanço honesto. E de perceber que **um país livre sem produção é um país vulnerável.**

Portugal precisa urgentemente de um novo modelo: **baseado na inovação, na reindustrialização verde e digital, na valorização do trabalho e na reconquista da autonomia produtiva.**

Porque não há verdadeira independência sem capacidade de construir, inovar e decidir o próprio destino.

Portugal precisa de uma nova revolução — mas agora no pensamento económico.

Por ***Francisco Gonçalves*** in Fragmentos de Caos